



Andradina

Um Juizado no Oeste Paulista. Jornal da Ajufesp faz um raio-x da Subseção. Pág. 08



Gente que Fez História

Ana Scartezzini, a primeira juíza federal de São Paulo. Pág. 12

Aconteceu

Tribunal Regional Federal da 3ª Região elege novos dirigentes. Pág. 14

Cultural

Nos Tempos da Lamparina. Pág. 15



O TEATRO DA MENTE

“Quem pensa e se preocupa descontroladamente pode gastar energia para dois, três ou até dez trabalhadores braçais. Os juízes, que são poetas da justiça, têm de prestar atenção a essa síndrome. Eles procuram ser justos ao julgar os casos que lhe são apresentados, mas podem ser carrascos de si mesmos, podem não cuidar da sua qualidade de vida”.

Psiquiatra e escritor Augusto Cury fala sobre qualidade de vida na magistratura, depressão, síndrome do pânico, construção de pensamentos, educação, padrões de beleza e métodos para ter uma vida saudável e feliz. Pág. 03.

OPORTUNIDADE DE PACIFICAÇÃO

A partir do dia 19 de fevereiro de 2010, o Tribunal Regional Federal da 3ª Região terá um novo presidente. Trata-se do Desembargador Federal Roberto Haddad, eleito em 16 de dezembro de 2009, após o mais conturbado processo sucessório que essa Corte já enfrentou.

Apenas para relembrar os fatos, houve uma primeira eleição em abril de 2009, na qual se elegeu o desembargador Baptista Pereira. Posteriormente, o Supremo Tribunal Federal acolheu o pleito contido na Reclamação promovida pela Desembargadora Suzana Camargo, quanto à inelegibilidade do magistrado em questão, ao argumento de que ele já teria exercido cargos administrativos por quatro anos e não poderia, de acordo com a Lei Orgânica da Magistratura, exercer novo cargo de dois anos. Assim, o STF anulou a eleição, após mais de seis meses de espera. Esse questionamento jurídico foi o ápice de uma divisão pública e profunda em que se encontra o TRF3. Uma vez eleito, o desembargador federal Roberto Haddad tem a oportunidade de pacificar o Tribunal, apaziguar ânimos e aproximar os desembargadores, compondo sua gestão com amplo leque de tendências.

Espaços de consenso em um ambiente propício de reconstrução, é

disso que precisamos agora.

Não é fácil conciliar dois lados em um ambiente tão dividido, mas a oportunidade de resgate da imagem perante a sociedade está colocada não apenas para o novo presidente, mas para todos os integrantes do maior Tribunal Regional Federal do país.

É o momento de todos buscarmos uma união que garanta a governabilidade com tranquilidade com o objetivo de garantir a prestação jurisdicional célere e eficaz, que é, afinal de contas, a nossa atividade fim.

Por outro lado, os juizes que compõem a Justiça Federal da 3ª Região esperam uma administração democrática, de portas abertas, com diálogo direto e franco, sobre diversas questões atinentes ao dia a dia da judicatura, como pleitos relativos a remoções e promoções, pagamento de diárias e indeferimentos de férias, plantões, estrutura de trabalho dos substitutos, entre outros diversos direitos e quanto à celeridade e atenção para a implantação das novas Varas. Também esperamos que tenha fim a injustificável demora para o preenchimento de três vagas de desembargadores abertas neste Tribunal. A Ajufesp está aberta a colaborar nesse processo de maneira democrática e independente.

Ricardo de Castro Nascimento
Presidente

Órgão oficial da
ASSOCIAÇÃO DOS JUÍZES FEDERAIS
DE SÃO PAULO E MATO GROSSO DO SUL
Rua Carlos Comensal, 281
conjunto 32 - CEP 01332-030
Bela Vista - São Paulo - SP
Fone: (11) 3266-8303 / 3266-4884
Fax: (11) 3269-8233
www.ajufesp.org.br
email: ajufesp@ajufesp.com.br

Diretoria Executiva

Presidente

Ricardo de Castro Nascimento

Vice-Presidente

Marcia Hoffmann do Amaral e Silvia Tumi

Diretor Secretário

Ricardo Geraldo Rezende Silveira

Diretor Financeiro e de Patrimônio

Erik Frederico Gramscrap

Diretor de Relações Institucionais

André Custódio Nekatschlow

Diretora Cultural

Raquel Fernandez Perini

Diretor Social e de Convênios

Leonardo Estevam de Assis Zamin

Diretor de Saúde e Previdência Complementares

Luiz de Lima Stefani

Diretor de Ações Sociais e Cidadania

Higino Giacchi Junior

Diretor de Assuntos Legislativos

Dicéo Gabriel Gamaez

Diretor de Jornal e Revista

Venilton Paulo Nunes Junior

Diretor de Assuntos Jurídicos e Informática

Netson de Freitas Portino Junior

Diretor de Comunicação Social

Sávio César Anauk Genique

Diretora de Defesa de Prerrogativas e Ética

Valéria da Silva Nunes

Conselho Fiscal

Esdrasildo de Medeiros

Jean Marcos Ferreira

Peter de Paula Pires

Suplentes

Gabriela Azevedo Campos Sales

Luiz Antonio Roberto Martins

Roberto Lemos dos Santos Filho

JORNAL DA AJUFESP

Conselho editorial

Roberto Lemos dos Santos Filho

Marcia Hoffmann do Amaral e

Silvia Tumi

Ricardo de Castro Nascimento

Responsável

Alexandros Christopoulos

MTB 26158

imprensa@ajufesp.org.br

Impressão

Hawaii Gráfica e Editora

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Carroh Propaganda e Design

Carroh Gomes

atendimento@carrohpropaganda.com.br

Tiragem

2.500 exemplares

Distribuição Nacional

JORNAL DA AJUFESP ENTREVISTA O
PSIQUIATRA E ESCRITOR **AUGUSTO CURY**
SOBRE QUALIDADE DE VIDA, DEPRESSÃO,
SÍNDROME DO PÂNICO, CONSTRUÇÃO DE
PENSAMENTOS, EDUCAÇÃO, PADRÕES DE
BELEZA E MÉTODOS PARA TER UMA VIDA
SAUDÁVEL E FELIZ

ENTREVISTA



Com mais de 10 milhões de livros vendidos no Brasil e publicados em outros cinquenta países, Augusto Cury é um fenômeno editorial e foi considerado pelo Jornal Folha de São Paulo o autor brasileiro mais lido da década. Médico psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor, pós-graduado na França, é doutor honoris causa pela UNIFIL (Centro Universitário Filadélfia, em Londrina) e membro de honra da Academia de Sobredotados (gênios) do Instituto da Inteligência, da cidade do Porto, Portugal. É diretor da Academia de Inteligência, instituto que promove o treinamento de psicólogos, educadores e outros profissionais. Desenvolveu o projeto Escola de Inteligência, que tem como principal objetivo a formação de pensadores através do ensino das funções intelectuais e emocionais mais importantes para crianças e adolescentes. Faz palestras e participa de conferências em vários países do mundo. Desenvolveu, ao longo de 20 anos de pesquisas, uma das técnicas mais complexas da atualidade sobre o funcionamento da mente e a construção da inteligência, publicada no livro "Inteligência Multifocal – Análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores".

A teoria da Psicologia Multifocal vem sendo utilizada em teses de mestrado e doutorado em diversos países, nas áreas de ciências humanas, como psicologia, ciências da educação, sociologia e pedagogia. Várias faculdades oferecem pós-graduação "latu sensu" sobre o tema. Alguns colegas já aplicam o método educacional fundamentado na psicologia multifocal. A Universidade da Criança, em Portugal, utiliza todas as suas técnicas pedagógicas e psicológicas na formação de mentes brilhantes.

Cury escreve sobre temas como qualidade de vida, desenvolvimento da inteligência e gerenciamento dos pensamentos e das emoções. É autor de "País Brilhantes, Professores Fascinantes", "Você é Insustentável", "Dez Leis para ser Feliz", "Revolução sua Qualidade de Vida". Uma das obras mais curiosas e conhecidas de Augusto Cury – que há poucos anos se considerava "o maior dos ateus" – é a coleção "Análise da Inteligência de Cristo". Seu romance "O Vendedor de Sonhos" foi premiado como uma das principais obras internacionais na China.

Irmão do juiz federal Salem Jorge Cury, raramente concede entrevistas, prefere o anonimato, e vive em um sítio numa pequena cidade com 16 mil habitantes no norte de São Paulo. A casa do autor é bastante confortável, mas não é luxuosa. Nesse ambiente agradável, em meio a animais e plantas, onde escreveu a maioria dos seus livros, ele conversou com a reportagem do Jornal da Ajufesp sobre o desenvolvimento das suas teorias, qualidade de vida na magistratura e sobre a tragédia familiar pela qual passou o irmão em 2002, quando perdeu sua mulher e filhos em um acidente de automóvel.

Jornal da Ajufesp - Dez milhões de livros vendidos apenas no Brasil e publicado em mais de cinquenta países. É um sucesso extraordinário. A que o senhor credita isso?

Augusto Cury – Sou um simples sementeiro de idéias, um caminhante nas trajetórias do meu próprio ser em busca de mim mesmo, escrevo sobre o universo do intelecto humano, como construímos pensamentos, como podemos proteger a emoção, como libertar nossa inteligência, como construir pontes em nossos relacionamentos para aproximar as distâncias e superar nossos conflitos. São assuntos complexos. Não escrevo pela fama, até porque o culto a celebridade é um sintoma de uma sociedade doente. Somos mais iguais no funcionamento da mente do que imaginamos. Acredito que as pessoas que leem meus textos acabam se vendo e utilizando ferramentas para elas mesmas serem autoras da sua própria história. Ninguém muda ninguém. Talvez isso gere uma reação em cadeia.

Jornal da Ajufesp - O senhor criou a teoria da psicologia multifocal. Em que ela consiste?

Augusto Cury – Durante mais de vinte anos, estudei e escrevi mais de três mil páginas sobre o intrigante teatro da mente humana. A psicologia multifocal estuda quatro grandes fenômenos, o primeiro deles é o da construção do pensamento, ou seja, como entramos na memória, resgatamos elementos em milésimos de se-

gundo, tais como os verbos, e construímos as cadeias de idéias; o segundo é a formação do "eu" como líder, como gestor do intelecto; o terceiro são os papéis da memória e o quarto é o processo de transformação da emoção e energia psíquica como um todo, de como a emoção muda de alegria para tristeza, de tristeza para júbilo e daí para a ansiedade. Não mudamos água em óleo, mas a emoção muda sua natureza com grande facilidade. Que mistério é esse?

A psicologia multifocal atua nesses quatro grandes processos mentais e, talvez, o mais complexo deles é o processo de construção de pensamentos, que, no meu entendimento, é a última fronteira da ciência. Por exemplo, a maioria dos seres humanos, entre os quais intelectuais, crê que pensamos o que queremos, quando queremos e na hora que queremos, mas não somos plenamente gestores dos pensamentos como sempre acreditamos na história. Há fenômenos inconscientes, entre os quais, o fenômeno do Auto-fluxo, que lê a memória milhares de vezes por dia sem a autorização consciente do Eu e constrói imagens mentais, pensamentos, idéias e emoções. Se um ser humano prestar atenção à sua mente, perceberá que todos os dias, milhares de situações e personagens são construídas e muitas delas não são controladas pelo "Eu", que representa a vontade consciente. O Auto-fluxo faz essa leitura e gera uma construção intelectual-emocional fascinante, como se fosse um diretor de

cinema que produz um filme ininterrupto (presente até quando dormimos nos sonhos), com o objetivo de entreter, inspirar, imaginar, estimular a criatividade. Sem essa fonte de entretenimento intelectual nós "Homo sapiens" poderíamos ter depressão coletiva, não suportaríamos o tédio e a mesmice existencial gerada pelos estímulos externos. O problema é que o fenômeno do Auto-fluxo pode gerar uma fonte de ansiedade quando lê arquivos que financiam pensamentos pessimistas, mórbidos, angustiantes ou idéias que geram preocupações obsessivas com o passado ou o futuro. Outro problema é que esse fenômeno pode ler a memória numa frequência exacerbada e gerar a SPA – Síndrome do Pensamento Acelerado, que acomete grande parte da população mundial. Pensar com consciência crítica é excelente, mas pensar demais furta energia do córtex cerebral e gera um desgaste dramático. Essa teoria fornece base para auxiliar no tratamento e prevenção de transtornos psíquicos, no desenvolvimento da inteligência e na formação de pensadores. Por estudar fenômenos que atuam na construção de pensamentos, ela não compete com outras teorias como a de Freud, Jung, Piaget, Gardner. Ela complementa e abre novas vertentes de pesquisas.

Jornal da Ajufesp - Como o senhor chegou à teoria da psicologia multifocal?

Augusto Cury – Através do processo de observação, análise de dados, indução e dedução contínua tanto dos comportamentos dos meus pacientes, como da análise da minha própria construção de pensamentos. Também comecei a estudar como alguns pensadores ao longo da história abriram o leque da inteligência para produzir novas idéias, romper o cárcere da emoção e sair do lugar comum.

Jornal da Ajufesp - O que é a SPA?

Augusto Cury – A síndrome do pensamento acelerado é o funcionamento exagerado e destrutivo da mente humana. Ela é produzida pelo excesso de estímulo a que um ser humano, em especial das sociedades modernas, é submetido. Todos os que têm um trabalho intelectual intenso têm de tomar muito cuidado. No passado, o número de informações dobrava a cada dois ou três séculos, hoje duplica, no máximo, a cada cinco anos. Esse excesso de informações estimula os fenômenos que constroem cadeias de pensamentos, em destaque, como disse, o Auto-fluxo. Desse modo, mexemos na caixa preta do funcionamento da mente, ou seja, alteramos a edição dos pensamentos. Todas as vezes que construímos pensamentos demasiadamente produzimos um desgaste cerebral enorme. No passado, o grande vilão da qualidade de vida era o excesso de labor físico, hoje é o excesso de labor intelectual. Quem pensa e se preocupa descontroladamente pode gastar energia para dois, três ou até dez trabalhadores braçais. Os juizes, que são po-

etas da justiça, têm de prestar atenção a essa síndrome. Eles procuram ser justos ao julgar os casos que lhe são apresentados, mas podem ser carrascos de si mesmos, podem não cuidar da sua qualidade de vida.

Jornal da Ajufesp - O que a SPA pode gerar?

Augusto Cury – O cardápio dos sintomas é rico e por vezes grave: ansiedade, irritabilidade, flutuação emocional, mente agitada, fadiga excessiva, dores de cabeça, dores musculares, déficit de concentração, esquecimento de fatos corriqueiros, e assim por diante. Em alguns casos, podem contribuir para gerar depressão, síndrome do pânico e doenças psicossomáticas em pessoas com propensão para desenvolvê-las.

“No passado o grande vilão da qualidade de vida era o excesso de labor físico, hoje é o excesso de labor intelectual.”

Jornal da Ajufesp - Qual a relação entre a síndrome do pânico e a depressão?

Augusto Cury – São duas doenças distintas. A síndrome do pânico é uma doença dentro do quadro das ansiedades. Ela, em síntese, é caracterizada por uma sensação súbita e iminente de que a pessoa vai morrer ou desmaiar. Sob um ataque de pânico, o cérebro reage produzindo taquicardia, aumento da frequência respiratória, sudorese (excesso de suor), como tentativa de levar a pessoa a fugir desesperadamente da situação de risco,

que no caso é imaginária. Ninguém morre pelos ataques de pânico, mas quem o possui pode sofrer mais do que alguém que realmente tem risco de morrer. Cada ataque de pânico não reciclado pode gerar janelas Killers nos solos do córtex cerebral, expandindo o conflito. Com o passar do tempo, gera-se isolamento social, restrições a festas e reuniões públicas. Em alguns casos, a síndrome do pânico resistente e inadequadamente tratada pode gerar depressão. Depressão é um quadro psíquico caracterizado, entre outros sintomas, por perda do prazer de viver, angústia, falta de sentido existencial, isolamento social, pessimismo, alteração da libido (prazer sexual), do sono e do apetite, déficit de energia e, às vezes, idéias de suicídio. Todavia, quero deixar claro que em minha opinião não existe ideia pura de suicídio. A pessoa que pensa em suicídio quer na realidade matar a sua dor, terminar a sua angústia e não aniquilar a sua vida. Quem pensa em suicídio tem fome e sede de viver, embaraço não saíba. E comunicar isso a elas é fundamental.

Jornal da Ajufesp - Há tratamento?

Augusto Cury – Sem dúvida é possível tratar essas doenças com a psiquiatria moderna e técnicas psicoterapêuticas. O uso adequado de antidepressivos pode ser fundamental nas duas doenças, em alguns casos se associa tranquilizantes. As técnicas psicoterapêuticas que estimulam o Eu a deixar de ser expectador passivo das suas mazelas e misérias e lhe propiciam ferramentas para proteger a emoção e gerenciar pensamentos autodestrutivos pode ser igualmente fundamental. Entretanto, não há mágica para superar os conflitos psíquicos. Como ênfase no livro “O Código da Inteligência” não é possível apagar ou “deletar” a memória, os traumas ou as janelas Killers, só podemos reeditá-las, reescrevê-las. Ser autor da nossa história é o direito psiquiátrico fundamental do ser humano, e devemos procurá-lo como o sedento no deserto.

Jornal da Ajufesp - Recentemente, o Jornal da Ajufesp publicou uma reportagem sobre depressão na magistratura. O juiz é um profissional com carga de trabalho excessiva, alto nível de stress e, atualmente, muitos magistrados são atingidos pela depressão, qual a sua avaliação sobre isso?

Augusto Cury – O Juiz, como todos os advogados, é apenas um ser humano. Tem a grandeza de procurar dentro dos limites da Constituição exercer a justiça, mas, como disse, pode não ser justo consigo mesmo, não respeitar a lei da vida, não resgatar seus sonhos, não investir naquilo que lhe dá prazer, levar trabalho para casa, pode macular seus finais de semanas com atividades estressantes. Eu sei que os juizes trabalham exacerbadamente. Já tratei de alguns nobres magistrados e sei que a quantidade de processos que eles têm em suas mãos é quase um atentado contra a sua qualidade de vida.

Soma-se a esse estresse na magistratura o paradoxo sem precedentes que atinge a maioria dos consócios das sociedades modernas: esperávamos que no século XXI tivéssemos a geração mais alegre, pois nunca a indústria do lazer foi tão grande e diversificada, como internet, TV, esporte, música, mas nunca os seres humanos foram tão



Texto de Augusto Cury em “Capo...od...morning...big”, de Edward Hopper



Presidente da Câmara Municipal de Portimão, em Portugal, Manuel da Luz, entrega homenagem a Augusto Cury

tristes e tão desprotegidos psicicamente. Não sabemos contemplar o belo, fazer das pequenas coisas um espetáculo aos olhos. Fazemos seguro de vida, seguro da casa, seguro previdenciário, mas não o seguro emocional, qualquer ofensa invade a nossa emoção, uma contrariedade estraga nosso dia. Infelizmente não somos treinados na educação mundial a sermos gestores de nosso intelecto. Tenho pedido e até suplicado no bom sentido da palavra que os juizes e todos que têm um trabalho intelectual exagerado relaxem mais, invistam em seus sonhos, desenvolvam a arte de contemplar o belo, cuidem do seu sono, façam da sua existência e da sua família e amigos uma aventura poética. A vida é breve como gotas de orvalho que por instantes aparece e logo se dissipa. Entre a meninice e a velhice são alguns instantes. A efemeridade da vida deveria nos remeter à sabedoria, estimular a cuidar dela como poetas da existência.

Jornal da Ajufesp - O senhor diz que para ser o ator principal e subir ao palco da existência, o indivíduo deve gerenciar a emoção. Como fazer isso?

Augusto Cury – Administrar a emoção é mais difícil do que gerenciar uma empresa com milhares de funcionários. É por isso que existem muitos miseráveis morando em palácios. Proteger a emoção passa por aprender a doar-se sem esperar o retorno, nunca exigir o que os outros não podem dar e equipar nossa mente para entender que por detrás de uma pessoa que fere há uma pessoa ferida. Temos de aprender a criticar e reciclar cada pensamento negativo, cada ideia perturbadora, cada emoção tensa, nos primeiros cinco segundos em que são elaboradas, caso contrário, elas são registradas e não podem mais ser apagadas, apenas reeditadas. Se não formos gestores de nossa mente, formaremos janelas killers que, pouco a pouco, contaminarão os solos conscientes e inconscientes do córtex cerebral e, assim, perderemos a primavera da vida, o encanto, a criatividade, fomentando a intolerância, a irritabilidade, a impaciência.

Jornal da Ajufesp – O senhor é irmão do juiz federal Salem Jorge Cury, que viveu um drama pessoal, com falecimento da esposa e dos filhos em um acidente de automóvel,

em 2002, fato que desencadeou acontecimentos que culminaram com o afastamento dele da magistratura (ver entrevista do juiz federal Salem Cury ao Fantástico em 04 de fevereiro de 2007, disponível no You Tube em: <http://www.youtube.com/watch?v=DeWHT2hXvE>). Como superar dramas pessoais que estão além do nosso alcance de controle, como o experimentado por ele?

Augusto Cury – O Salem é meu irmão, a perda irreparável que ele sofreu também foi minha, porque os filhos dele eram como se fossem meus, vinham a minha casa quase todos os dias, bem como sua esposa. Nossa família é muito afetiva e unida. Ele teve a maior perda que uma pessoa possa vivenciar. Um acidente inexplicável em que o veículo pegou fogo ceifou tudo que ele mais amava. Era um pai superamoroso, sempre acompanhava a família onde podia, sempre brincava e falava com os filhos, eles estavam em primeiro lugar no seu teatro psíquico. É quase impossível dimensionar a dor que o assaltou e digo isso não apenas como irmão, mas também como psiquiatra. Era um juiz aplicado, amava sua profissão, depois de um mês de luto quis retornar ao trabalho. Embora achasse que não tivesse condições psíquicas no momento, entre lágrimas e dor ele insistiu e voltou a trabalhar, mesmo enfrentando o que chamamos de depressão reativa, que é a depressão que surge frente a uma perda incommensurável. Tudo se complicou porque logo que ele reassumiu ficou sabendo que não se tratava apenas de um mero acidente. Poderia ter sido um atentado. Por várias vezes, pensou em desistir de viver, mas, pouco a pouco, retirou forças na fragilidade, coragem na sua pequenez, ânimo na sua fé. Eu o admiro por seu desejo de insistir que vale a pena viver a vida, mesmo quando nos restam apenas as sobras, como as sobras de alegria, tranquilidade e esperança.

Jornal da Ajufesp - Em O futuro da humanidade, o senhor chama Jesus Cristo de "Mestre da Emoção". Por quê?

Augusto Cury – Eu o chamo de Mestre da Emoção porque, pelas adversidades que enfrentou, ele teve todos os motivos para desenvolver depressão, mas foi feliz e tranquilo como nenhum outro. Quando agredido, ele sabia filtrar os estímulos estressantes para proteger a emoção. Por exemplo, no momento em que Judas o traiu, ele abriu

as janelas da mente e olhou para seu traidor. Em vez de golpeá-lo com agressividade, chamou-o de amigo, golpeou com solidariedade e generosidade. Nunca na história uma pessoa traída tratou com tanta dignidade o traidor.

Jornal da Ajufesp - O senhor tem religião?

Augusto Cury – Eu fui ateu. Como pesquiso as fronteiras da ciência, para mim, Deus era fruto das ideias. Estudando a personalidade de Jesus Cristo, sob o ângulo da psicologia e da sociologia, descobri que ele é o homem mais famoso da História, mas, ao mesmo tempo, o menos conhecido em seu psiquismo. Estudei muito sobre ele e escrevi a coleção Análise da inteligência de Cristo, que aborda os mecanismos de proteção emocional, o gerenciamento de pensamentos e sua habilidade refinada de investir e educar cada ser humano. Após fazer essa empreitada analítica passei a crer em Deus. Mas não defendo nenhuma religião. Tornei-me um ser humano sem fronteiras.

“Só é digno do poder quem é desprendido dele, quem o usa para promover a liberdade e a inteligência dos outros e quem não tem medo de ser criticado”

Jornal da Ajufesp - O senhor é autor de um livro chamado "Nunca Desista dos Seus Sonhos". Por que não devemos desistir dos nossos sonhos?

Augusto Cury – Sonhos não são desejos, sonhos são projetos de vida para a psicologia. Vivemos numa sociedade de desejos, mas os desejos sumam diante das perdas e crises, enquanto sonhos criam raízes nas adversidades. Os sonhos não determinam o lugar onde vamos chegar, mas produzem a força necessária para nos retirar do lugar onde estamos. Mas precisamos saber que sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas e, por outro lado, disciplina sem sonhos produz pessoas que só obedecem a ordens, que não pensam, que são servas do sistema. Os sonhos devem ser elaborados como estratégia para superar conflitos, conquistar metas, corrigir rotas de vida.

Jornal da Ajufesp - Como vencer a timidez?

Augusto Cury – A maioria das pessoas é tímida. Para vencer a timidez não basta dizer: "de hoje em diante

serei extrovertido, farei o que penso”, porque assim que surgir uma contrariedade, a pessoa ficará inibida novamente. A timidez é formada por centenas de janelas “killers”, que são micro traumas no córtex cerebral que financia sentimento de incapacidade, complexo de inferioridade, medo de correr riscos, medo de expressar as idéias, preocupações excessivas com a imagem social, sentimento de autopunição. Não há mágica para superar a timidez. É necessário um treinamento diário de eu saindo da plateia e aprendendo a criticar todas as reações e pensamentos que alicerçam a timidez. É necessário dia a dia libertar a espontaneidade e superar a necessidade doentia de agradar a todos. Ninguém brilha no mundo científico ou corporativo se não aprender a ser mais suave consigo mesmo.

Jornal da Ajufesp - Em dois de seus romances, o senhor retrata maltrapilhos e mendigos como sábios e equilibrados. Qual o objetivo disso?

Augusto Cury - Como essas pessoas estão fora do teatro social, olham de fora as loucuras que vivenciamos e que consideramos normais. Uso um mendigo, para, na verdade, criticar o sistema social, revelando que as sociedades modernas não se tornaram um oásis na produção da saúde psíquica e do prazer de viver. “O futuro da humanidade” e “O vendedor de sonhos” são livros que expõem as chagas do sistema! Vivemos em sociedades democráticas, mas há milhões de pessoas escravas no território da emoção. São livres para ir e vir, mas são controladas pelas suas preocupações, pelos seus medos, pelo consumo desenfreado, pela compulsão das necessidades não necessárias, pela escassez do tempo. Estamos estressados coletivamente, inclusive as crianças e adolescentes.

Jornal da Ajufesp - O senhor diz que as mulheres têm mais chance de desenvolver doenças emocionais que os homens. O sexo feminino é mais frágil?

Augusto Cury - Não. Aliás, para mim elas representam o sexo forte. Mas, por que, de acordo com as estatísticas psiquiátricas, têm mais propensão a desenvolver determinados transtornos psíquicos? Não é apenas pelos déficits dos neurotransmissores no córtex, mas também as pressões sociais a que são submetidas. O soldado que está na front é mais facilmente alvejado. Elas cuidam dos filhos, são mais generosas, mais ativas, éticas, solidárias e se entregam mais intensamente às relações sociais. Enfim, se expõem a uma sobrecarga psíquica maior do que os homens e consequentemente são mais propensas a desenvolverem mais transtornos emocionais.

Jornal da Ajufesp - Fale sobre o Padrão Inatingível de Beleza (PIB) descrito no seu livro A Ditadura da Beleza?

Augusto Cury - O sistema capitalista trouxe vantagens importantes, promoveu a competitividade, o acesso a informações, o desenvolvimento tecnológico, mas, infelizmente, também trouxe algumas sequelas gravíssimas, dentre as quais a síndrome PIB (Padrão Inatingível de Beleza). O sistema impõe um padrão tirânico de beleza. Coloca modelos magérrimas e esqueléticas, com um contorno do nariz, dos olhos, do rosto, do quadril que são completamente distintos da média das mulheres. Elas representam a exceção genética na sociedade, mas são usadas para vender produtos e serviços para todas as mulheres. Como não se sabia que o registro no córtex cerebral era involuntário e inconsciente, produzido pelo fenômeno RAM (Registro Automático da Memória), também não se sabia que não apenas o produto ou serviço era registrado, mas também a imagem dos modelos, havendo um cruzamento de informações, produzindo a mais dramática mensagem subliminar. As mensagens subliminares que foram proibidas adquiriram outras roupagens, esfacelando inconscientemente o direito de milhões de mulheres a terem uma relação saudável com sua autoimagem, gerando a síndrome PIB. Os números são assustadores. Mais de um milhão e oitocentas mil pessoas sofrem de anorexia nervosa no Brasil. Estão magérrimas, pele e ossos, mas se sentem obesas. No mundo, são quase 50 milhões de pessoas, das quais a maioria mulheres jovens. Há outro tanto de Bulimia e outros transtornos alimentares. Algumas pesquisas demonstram que apenas 3% das mulheres se sentem belas, com uma auto-estima alterçada. O congresso deveria criar e votar leis, como já está começando na Europa, que proíbe modelos abaixo do padrão minimamente aceitável pela medicina como saudável para frequentar passarelas e funcionar como estereótipo do belo.

Ser feliz não é ter uma vida perfeita, mas ter a coragem de reconhecer os nossos erros, habilidade para sermos caminhantes nas trajetórias de nosso próprio ser e procurar por nós mesmos. É aprender com humildade a olhar nos olhos de quem nós amamos e dizer “te amo, preciso de você”, “me dê mais uma chance”

Jornal da Ajufesp - O poder seja ele vindo por meios financeiros ou por um cargo pode influir na qualidade de vida?

Augusto Cury - Pode, sem dúvida. A maioria das pessoas nas sociedades modernas está despreparada para assumir qualquer tipo de poder. O poder liberta os monstros arquivados no inconsciente e as leva a terem vocação para ser deusas ou deuses. Quem usa o poder para controlar os outros, para alijear a necessidade neurótica de estar sempre certo ou para fazer com que os que o rodeiam gravitem na sua órbita não é digno do próprio poder. Só é digno do poder quem é desprendido dele, quem o usa para promover a liberdade e a inteligência dos outros e quem não tem medo de ser criticado e muito nem reconhecer seus erros e fragilidades.

Jornal da Ajufesp - O senhor escreveu um livro sobre os códigos da inteligência, o que são eles?

Augusto Cury - Eles são fundamentais para transformar o ser humano de vítima em protagonista da sua história. Cada ser humano é um mundo a ser descoberto, uma estrela viva no teatro da existência, mesmo as pessoas que sofrem, que erram, que têm comportamentos desaprovados, têm um patrimônio psíquico que, se explorado e trabalhado, pode a mudar o script da nossa história. O ser humano só é livre quando é verdadeiramente livre dentro de si mesmo. O código do altruísmo, da autocrítica, da resiliência, do eu como gestor do intelecto, estão entre os códigos que trabalho nesse livro. Por exemplo, o código do “eu” como debatedor das idéias, objetiva estimular as pessoas a terem flexibilidade, pensarem antes de reagir, expor e não impor as idéias e se colocarem no lugar dos outros. Quem não o desenvolve, aborta a espontaneidade, limita sua criatividade e contrai sua capacidade de construir novos conhecimentos no mundo jurídico, político, empresarial. Provavelmente, mais de dois terços do nosso potencial intelectual está represso por não conhecermos e desenvolvermos os códigos da inteligência.

Jornal da Ajufesp - O senhor aborda bastante a questão da educação para a mudança de comportamento. Qual a importância dela?

Augusto Cury - Em minha opinião, embora os professores estejam entre os profissionais mais importantes da sociedade, o sistema educacional está doente, formando pessoas doentes para uma sociedade doente. Ensinações às crianças, adolescentes e jovens universitários a conhecer o imenso espaço que nunca pisarão e o pequeno átomo que nunca verão, mas não os ensinamos a conhecerem o planeta psíquico, a transitar nele, explorá-lo e protegê-lo. Não os ensinamos nem sequer a criticarem ou reclarem cada pensamento perturbador no exato momento em que são construídos, para que eles não sofram um registro automático pelo fenômeno RAM, Registro Automático da Memória, e consequentemente acumulem lixo no teatro psíquico. Tal aprendizado deveria ser tão básico como aprender a respirar ou andar. Não os ensinamos a pensar antes de reagirem ou lapidados a capacidade dos jovens se colocarem no lugar dos outros para procurar entendê-los multilateralmente. Como preparar as pessoas para serem líderes sociais, para prevenirem doenças emocionais, discriminação, agressividade, exclusão social, se não as

Jornal da Ajufesp - Como a educação pode transformar plateia em atores principais?

Augusto Cury – O sistema educacional mundial forma pensadores como exceção e não como regra. Entulha o córtex cerebral dos alunos de informações achando que serão lembradas para financiar a cidadania. Esquecem que a cidadania não se sustenta sem a sabedoria. O sistema educacional, por desconhecer alguns fundamentos da construção do pensamento, não entende que não existe lembrança pura do passado. O passado é resgatado com microdistorções. Quem sou, o que sou, como estou e onde estou são variáveis que entram em frações de segundos no processo de construção de pensamentos e interferem nas vertentes inconscientes da lembrança, maculando sua pureza. É por isso que há diferentes interpretações das leis por parte dos magistrados e advogados, o que é saudável e, em muitos casos, inevitável. A memória é um suporte para criatividade e não um suporte para lembranças exatas, a não ser no campo das ciências numéricas. Mais de 90% das informações acumuladas nas escolas não serão resgatadas. É a ousadia, autocrítica, a inventividade, a capacidade de observação, dedução,

indução, enfim, a qualidade das informações e não a quantidade delas que definirão os fundamentos da formação de um pensador. Einstein tinha menos informações do que a grande maioria dos físicos e engenheiros da atualidade.

Até mesmo enfileirar os alunos em sala de aula traz consequências trágicas para o psiquismo deles. Registra-se um sistema de hierarquia intelectual pernicioso que fomenta a insegurança, inibe a construção e a expressão do pensamento. A sala de aula é ou deveria ser um microcosmo sagrado, onde todos, professores e alunos, são atores na construção do conhecimento. A arte da dúvida, da crítica e da interiorização deveria ser o tempero básico da arte de pensar. O direito de votar é fundamental nas sociedades modernas, mas sem o direito de pensar, geraremos espectadores passivos e não protagonistas do teatro social.

Jornal da Ajufesp - O que é ser feliz?

Augusto Cury – Ser feliz não é ter uma vida perfeita, mas ter a coragem de reconhecer os nossos erros, habilidade para sermos caminantes nas trajetórias de nosso próprio ser e procurar por nós mesmos. É aprender com humildade a olhar nos olhos de quem nos amamos e dizer “te amo, preciso de você”, “me dê

mais uma chance”. É aprender a nos humanizar e falar das nossas lágrimas com os nossos filhos e alunos para que eles aprendam a chorar as deles. É ser solidário, altruísta e solidário e não exigir demais de si mesmo nem dos outros. É silenciar a mente na cama e nos embriagar com relaxamento. É saber que não somos deuses, que sabemos muito pouco sobre os mistérios da existência por mais que se tenha fé ou ciência. É fazer das coisas pequenas um espetáculo aos olhos, é fazer uma cirurgia na agenda para termos tempo para comprar o que o dinheiro não compra. É ser apaixonado pela natureza e pela humanidade e enxergar que acima de sermos brancos ou negros, ricos ou miseráveis, celebridades ou anônimos, somos apenas seres humanos que vivem e morrem todos os dias um pouco. É não esperar os problemas desaparecerem para investir em nossos sonhos ou para fazer o que amamos, pois os problemas sempre existirão, mas o amanhã poderá não existir.

Poesia do Dr. Augusto Cury

O ESPETÁCULO DA VIDA

Que você seja um grande empreendedor.
Quando empreender, não tenha medo de falhar.
Quando falhar, não tenha receio de chorar.
Quando chorar, repense a sua vida, mas não recue.
De sempre uma nova chance para si mesmo.

Encontre um oásis em seu deserto.

Os perdedores veem os raios.

Os vencedores veem a chuva e a oportunidade de cultivar.
Os perdedores paralisam-se diante das perdas e dos fracassos.
Os vencedores começam tudo de novo.

Saiba que o maior carrasco do ser humano é ele mesmo.

Não seja escravo dos seus pensamentos negativos.
Liberte-se da pior prisão do mundo: o cárcere da emoção.
O destino raramente é inevitável, mas sim uma escolha.
Escolha ser um ser humano consciente, livre e inteligente.

Sua vida é mais importante do que todo o ouro do mundo.

Mais bela que as estrelas: obra-prima do Autor da vida.
Apesar dos seus defeitos, você não é um número na multidão.
Ninguém é igual a você no palco da vida.
Você é um ser humano insubstituível.

Por isso eu, Augusto Cury, desejo que você

Jamais desista das pessoas que ama.

Jamais desista de ser feliz.

Lute sempre pelos seus sonhos.

Seja profundamente apaixonado pela vida.

Pois a vida é um espetáculo imperdível.



(Filosofia poética publicada no livro “Revolucione a Sua Qualidade de Vida”, de Augusto Cury. O autor e a editora Sextante autorizaram a reprodução da mesma, desde que citada a fonte. Também é permitido substituir o nome do autor na 5ª estrofe pelo nome de outra pessoa ou instituição. A pedido da AJUFESP, o autor permite e incentiva que os magistrados que o desejarem coloquem seu nome e enviem essa mensagem para as pessoas que amam).

ANDRADINA - UM JUIZADO NO OESTE PAULISTA

http://www.jornal.ufesp.br



ANDRADINA

Andradina, no oeste paulista, com uma população de aproximadamente 55 mil habitantes, está próxima à fronteira com o Mato Grosso do Sul. Dispõe de um aeroporto e fica a 641 km da capital de São Paulo, pela Rodovia Marechal Rondon, duplicada em todo o trecho, que está em boas condições.

O JUIZADO

A 37ª Subseção Judiciária do Estado de São Paulo (Juizado Especial Federal de Andradina) foi implantada em 26 de abril de 2005 e tem jurisdição em Andradina; Aparecida d'Oeste; Araçatuba; Auriflama; Bento de Abreu; Buritama; Castilho; General Salgado; Guaraçá; Guara- rapes; Guzolândia; Ilha Solteira; Itapura; Lavinia; Lourdes; Marinópolis; Mirandópolis; Murutinga do Sul; Nova Independência; Pereira Barreto; Rubiácea; Santo Antônio do Aracanguá; São João de Iracema; Sud Mennucci; Suzanópolis; Turibua e Valparaíso.

O juiz titular é Jairo da Silva Pinto, recentemente, ele assumiu a titularidade do JEF de Andradina. Até, então, o juiz responsável era Otávio Henrique Martins Port. Conversamos com os dois. Confira:

JAIRO DA SILVA PINTO



Ajufesp - Há quanto tempo o senhor está na Justiça Federal? Foi aprovado em qual concurso?

Jairo da Silva Pinto - Fui aprovado no 9º Concurso para Provimento de Cargos de Juiz Federal Substituto da 3ª Região. Foram aprovados dezoito candidatos. Todos tomaram posse no dia 25 de agosto de 2000. Assim, estamos completando dez anos de Magistratura Federal neste ano de 2010.

Ajufesp - Antes de ser juiz federal, o senhor foi servidor no Tribunal Regional Federal da 3ª Região? Como foi a sua passagem por lá e de que maneira isso o

incentivou a buscar a magistratura?

Jairo da Silva Pinto - A minha vida tem sido pautada pelo serviço público. Nos idos de 1981, quando ainda com dezessete anos de idade, ingressei, mediante aprovação em concurso público, na Escola de Especialistas da Aeronáutica, localizada em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Em dezembro de 1982 fui graduado 3º sargento especialista em mecânica de aeronaves. Iniciei minhas atividades em janeiro de 1983, no Parque de Material Aeronáutico, localizado na cidade do Recife, em Pernambuco, onde fiquei por cerca de oito anos. Como todos sabem, sou natural de Salvador, capital da Bahia. Assim, como filho do Nordeste, sentia-me em casa no período em que residi em Recife, onde fiz muitos amigos. No ano de 1989 prestei o vestibular para Direito na Universidade Federal de

Pernambuco – UFPE, conhecida como co-irmã da USP, e fui aprovado, tendo iniciado o curso noturno no segundo semestre de 1990. No início de 1991, fui transferido para o Parque de Material Aeronáutico de São Paulo, situado em Santana, na Zona Norte da Capital Paulista. Com a transferência do serviço, fui transferido da Faculdade de Direito do Recife. Como aqui na Capital não havia Universidade Federal, transferi-me para Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie. Devido à diferença de carga horária e de matérias, fiquei por três anos estudando em um determinado semestre e fazendo adaptações de matérias de semestres anteriores e posteriores, até que, finalmente, no oitavo semestre, as adaptações cessaram. Em junho de 1995 concluí o Curso de Direito, tendo também sido aprovado no exame de ordem. Naquela época, o exame era feito na própria faculdade.

Ajufesp – Quando e o quê despertou o seu interesse pelo Direito?

Jairo da Silva Pinto – Quando em Recife, havia dois amigos meus, o Mauro e o Roberto Andrade, também sargentos, que cursavam Direito na UFPE. Em conversas e trocas de ideias um deles, o Mauro, me emprestou um livro escrito por Caryl Chessman, o Bandido da Juv Zelmeira, traduzido para o Português, cujo título era “A LEI QUER QUE EU MORRA”. Li e adorei. A partir daí, me interessei pelo Direito.

Ajufesp – Uma vez aprovado, foi lotado onde?

Jairo da Silva Pinto – De início, minha turma ficou na EMAG, onde assistíamos a palestras e sentenciávamos processos de Varas Federais Cíveis da Capital. Minha designação inicial foi para a 3ª Vara Federal de Santos, onde respondi pela titularidade por quase todo o tempo em que lá fiquei, pois o Juiz Titular estava convocado para auxílio no E. Tribunal Regional Federal da 3ª Região. Em seguida, fui removido para a 3ª Vara Federal de Santo André, lá ficando até titularizar na 1ª Vara Federal de Dourados/MS.

Ajufesp – O senhor se titularizou no Mato Grosso do Sul, em Dourados, longe da cidade onde vivia. Valeu a pena?

Jairo da Silva Pinto – Sim, valeu a pena. Apesar da distância, em Dourados tive a oportunidade de conviver de perto com situações que jamais pensei vivenciar. A principal é a questão indígena, ainda não resolvida na região. Em Dourados a reserva indígena fica na própria cidade onde existe um convívio diário e muito próximo da população local com a população indígena, o que ainda gera alguns conflitos.

Posteriormente, fui removido para Três Lagoas, ainda no Mato Grosso do Sul, cidade situada na divisa com o Estado de São Paulo, na região da represa de Jupia, no Rio Paraná. Fiquei pouco tempo, sendo logo removido para o Juizado Especial Federal de Andradina/SP. Quando no Mato Grosso do Sul tive o privilégio de ser indicado Juiz Eleitoral Substituto ou Suplente, fazendo parte de algumas Sessões de Julgamento. Gostei da experiência. Pena que fiquei pouco tempo. Gostaria de exercer a nobre função em ano eleitoral. Mas, com o retorno para São Paulo, tornou-se remota essa possibilidade, pois aqui somente Desembargador Federal pode exercer a função de Juiz Eleitoral.

O Juiz Federal Otávio Port, colega de concurso, costuma dizer a seguinte frase: “Eu fui longe na carreira”, isso porque ele titularizou no JEF de Andradina/SP. Ouso dizer que fui mais longe que o referido colega, reconhecendo que outros conseguiram ir mais longe do que eu.

Ajufesp – O senhor assumiu há pouco tempo o JEF de Andradina. Qual a sua impressão sobre a estrutura e os serviços prestados?

Jairo da Silva Pinto – A estrutura do JEF é muito boa. O obstáculo que se encontra é em relação aos Peritos Médicos nas cidades do interior. Mas estamos contornando as dificuldades e buscando cumprir nossa meta principal, que é a prestação jurisdicional dentro de um prazo razoável, escopo maior da criação dos JEFs, sem pecar na qualidade.

Ajufesp – Há a necessidade de juizados itinerantes? A população local conhece o juizado?

Jairo da Silva Pinto – Sinceramente, nunca fiz qualquer pesquisa acerca da necessidade de juizado itinerante. Até porque a competência territorial do JEF de Andradina é muito extensa, envolvendo as cidades de Andradina, Aparecida D'Oeste, Araçatuba, Auriflâma, Bento de Abreu, Buritama, Castilho, General Salgado, Guaracai, Guararapes, Guzolândia, Ilha Solteira, Itapura, Lavinia, Lourdes, Marinópolis, Mirandópolis, Muritinga do Sul, Nova Independência, Pereira Barreto, Rubiácea, Santo Antonio do Aracanguá, São João de Iracema, Sud Menucci, Suzanópolis, Turiuba e Valparaíso. Para realizar um juizado itinerante seria necessário um estudo aprofundado para se ter noção dos pontos de maior carência e maior distância da sede do JEF. Como eu sou o único Juiz do JEF de Andradina, torna-se inviável, pelo menos por ora, realizar esse tipo de atividade. Quanto à segunda pergunta, a população das cidades mais próximas conhecem o JEF, pois já atendi a pessoas de várias das cidades componentes da base territorial do JEF de Andradina. Mas não posso afirmar se nas localidades mais distantes as pessoas saibam da existência do JEF.

Ajufesp – Qual a sua percepção do contato com essas pessoas em relação à consciência que elas têm dos direitos delas? Elas sabem diferenciar o



Os servidores de Andradina: da esq. p/ dir: Eduardo, Renata, Fábio, Alexandre, Luciano e Ana Francisca.

INSS da Justiça? Que não é preciso advogado no Juizado?

Jairo da Silva Pinto – Na maioria, as pessoas são simples. São trabalhadores rurais. Todavia, eles conhecem seus direitos. O que eles não têm, na maioria das vezes, são meios para buscar os seus direitos. Faltam-lhes instrumentos. Mas conhecimento eles têm, sim. Não posso afirmar se todos sabem da desnecessidade de advogado no JEF. Contudo, aqueles que procuram o Juizado são informados dessa peculiaridade. No JEF de Andradina, a maioria esmagadora dos processos tem advogado constituído.

Ajufesp – Antes o senhor era responsável por uma Vara “plena” e agora é por um Juizado. Há muita diferença?

Jairo da Silva Pinto – Sim, muita diferença. Primeiramente, o rito procedimental é completamente diferente, pois no JEF a oralidade, a simplicidade e a celeridade são verdadeiros princípios, objetivando uma mais rápida prestação jurisdicional. O processo virtual é uma grande conquista, tornando mais salubre o ambiente de trabalho. No JEF não existem autos de processo nas prateleiras acumulando poeira, ácaros e exigindo constante dedetização. O trâmite processual também é fantástico, com juntada de petições eletronicamente.

Assim, esteja onde estiver, o advogado liga o seu notebook, acessa o Juizado pela internet, analisa o processo, elabora a petição e a envia, sem necessidade de se deslocar. Ganha-se um tempo precioso, principalmente para o advogado que tem prazo a cumprir. A assinatura eletrônica de decisões também nos proporciona um ganho de tempo valioso.

Ajufesp – A comunidade recebe bem o Juizado?

Jairo da Silva Pinto – Creio que o Juizado veio para ficar. Não poucos advogados já me disseram que o sonho deles é que toda a Justiça Federal funcione como o Juizado. Os jurisdicionados já estão se acostumando com a celeridade. Em um dos processos que julguei, entre a distribuição e a sentença transcorreram quatro meses. Em outro processo, o tempo foi um pouco maior, cerca de seis meses, porque a audiência teve que ser redesignada, por motivo de férias. O autor do segundo processo, na audiência, reclamou da demora do processo dele, uma vez que o do amigo já havia sido julgado e eles haviam entrado com a ação no mesmo dia. Esse é o perigo que corremos. E, se esse é o perigo, então vale a pena.

Ajufesp – Qual a sua opinião sobre a atuação da Ajufesp?

Jairo da Silva Pinto – A Ajufesp é uma entidade necessária que representa os anseios da Magistratura da 3ª Região. Na sua função institucional, ela preserva a imagem de cada juiz em particular, sendo nossa voz nas diversas questões existentes, seja no âmbito administrativo, no trato com a imprensa ou

mesmo em questões judiciais.

Ajufesp – Vamos falar sobre a sua vida fora da justiça. Tem algum hobby?

Jairo da Silva Pinto – Sim. Gosto de correr. Quando jovem, na orla de Salvador, gostava de jogar futebol com os amigos e de correr na beira-mar. Ainda mantenho o hábito de correr, apesar do tempo exigiu. Mas quero deixar claro que não sou nenhum atleta. Corro dentro do meu ritmo, apenas para manter uma boa saúde.

Ajufesp – Um filme, um livro e o time para que torce?

Jairo da Silva Pinto – Não creio que existe um filme ou um livro. São tantos e tão bons, que fica deveras difícil apontar um. Assim, direi o livro que estou lendo: Viva o Povo Brasileiro, do grande baiano de Itaparica, Umberto da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo Ribeiro. O filme, fico com “O Poderoso Chefão – The Godfather”, dirigido pelo Francis Ford Coppola, baseado no livro de Mario Puzo. Quanto ao time, sou Bahia, de coração, e São Paulo, por opção.

Ajufesp – Qual a sua expectativa para o futuro?

Jairo da Silva Pinto – O aperfeiçoamento do exercício da nobre função da Magistratura, que apesar de ser um verdadeiro sacerdócio, não deixa de ter o seu lado prazeroso, quando, em nossas decisões, sentimos que estamos fazendo a verdadeira Justiça. Isso sem olvidar da incansável busca de realizar o, ainda utópico, desiderato de prestar a Jurisdição em prazo razoável.

OTÁVIO HENRIQUE MARTINS PORT



Ajufesp - Conte um pouco da sua história: Por que o Direito e a magistratura federal? Quais atividades exerceu anteriormente?

Otávio Henrique Martins Port – Decidi fazer o curso de Direito quando estava no último ano do colegial, porque sempre gostei muito de estudar Português e História e, principalmente, de escrever. Após o ingresso na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, exerci diversas atividades no meio jurídico: comecei a trabalhar quando estava no 2º ano do curso, como escrevente técnico judiciário, no Fórum João Mendes Jr. Depois fiz estágio em escritório de advocacia, na Procuradoria de Assistência Judiciária e no Ministério Público Federal. Todas as experiências foram muito importantes para a

minha formação, por me darem uma visão bastante detalhada da atuação dos diversos profissionais do Direito. Quando eu estava no último ano do curso de Direito e fazia estágio no Ministério Público Federal, saiu o edital do concurso para Analista Judiciário do TRF, no qual eu me inscrevi. Após a aprovação, fui chamado para trabalhar no gabinete do Des. Federal Aricê Amaral, e foi então que eu tive maior contato com a matéria de competência da Justiça Federal e resolvi prestar concurso para magistratura federal.

Ajufesp – O senhor foi assessor do desembargador federal Aricê Amaral, já falecido, quais as lembranças que guarda daquele período?

Otávio Henrique Martins Port – Após seis meses do ingresso como Analista Judiciário no Gabinete do Des. Federal Aricê Amaral, recebi o convite para exercer a função comissionada



Fachada do Juizado Especial Federal de Andradina

ANDRADINA

distinção profundamente injusta feita pela lei, mas que pode ser afastada se interpretarmos a lei sob a óptica do sistema constitucional. O outro caso é mais

antigo, da época em que eu era Substituto na 9ª Vara Cível, um caso de direito do consumidor. O Ministério Público Federal ajuizou uma ação civil pública objetivando a retirada de circulação de uma propaganda enganosa a respeito de um título de capitalização, o que me possibilitou estudar e aprender um pouco mais a respeito de títulos de capitalização e de investimentos financeiros em geral. A questão da propaganda enganosa dos títulos de capitalização é corriqueira e deveria ser combatida com mais firmeza pelos órgãos estatais responsáveis.

Ajuresp - Qual a sua opinião sobre a atuação da Ajuresp?

Otávio Henrique Martins Port - No geral a atuação tem sido positiva, principalmente no tocante ao resguardo das prerrogativas funcionais dos juizes.

Ajuresp - O que espera da carreira e do seu futuro?

Otávio Henrique Martins Port - Espero ter ainda muitos anos de carreira pela frente, pois adoro o meu trabalho e pretendo continuar aprendendo sempre.

Ajuresp - Time do coração, uma comida, um livro e um filme?

Otávio Henrique Martins Port - Time é um só, o glorioso Palmeiras. Já em relação à comida, sou bom garfo, como praticamente de tudo. Minhas preferências vão desde feijoada a comida japonesa. Também leio muito, gosto de crônicas, principalmente as do Luis Fernando Veríssimo, da prosa de Machado de Assis, destacando o livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, e de biografias, dentre as quais as minhas preferidas são as escritas por Fernando de Moraes e Ruy Castro. Gosto também de livros de história, e nessa categoria o meu preferido é 1808, de Laurentino Gomes. É um livro indispensável para entender o Brasil atual. Adoro cinema, meus filmes prediletos são as comédias e os dramas.

de Chefe de Gabinete, função que exerci por 03 anos, até o ingresso na magistratura. Foi um período muito rico para mim. Considero-me um privilegiado por ter tido a oportunidade desse contato direto com essa pessoa memorável que foi o Dr. Aricé, que me deu muitas lições de vida e de direito.

Ajuresp - Há quanto tempo é juiz? Ingressou em qual concurso? Em quais Varas já atuou?

Otávio Henrique Martins Port - Sou juiz desde 2000, Ingresssei no 9º Concurso. Atuei como Substituto, primeiramente na 7ª Vara de Execuções Fiscais de São Paulo, depois no Juizado Especial Federal de São Paulo, Turma Recursal de São Paulo e 9ª Vara Cível de São Paulo. Em 2006 me promovi para o Juizado Especial Federal de Andradina, época em que comecei a atuar concomitantemente na Turma Recursal de Americana. Em abril do ano passado me removi para o Juizado de Sorocaba, onde atuo até hoje. Além disso, atuo há dois anos na 3ª Turma Recursal de São Paulo e há 1 ano e meio na Turma Nacional de Uniformização.

Ajuresp - O senhor poderia fazer uma comparação em termos de produção, localização, facilidades e dificuldades de Andradina em relação a Sorocaba, onde o senhor está atualmente?

Otávio Henrique Martins Port - Andradina é um juizado bem menor do que Sorocaba, com uma distribuição de processos três vezes menor. Enquanto o perfil das causas em An-

dradina é essencialmente de aposentadorias rurais, tendo em vista tratar-se de uma região agrária, o Juizado de Sorocaba chama a atenção pelo grande número de aposentadorias especiais, devido ao seu grande parque industrial. O maior diferencial das cidades, no entanto, está na localização e na infraestrutura. Sorocaba é uma cidade de médio porte, com mais de 600.000 habitantes, com ar de interior, devido ao baixo índice de violência, mas com muitas comodidades próprias de uma cidade grande, distante apenas 90 km da Capital. Por outro lado, Andradina é uma cidade tranquila, mas bastante acanhada em relação à vida cultural e opções de lazer, localizando-se a 640 km da Capital.

Ajuresp - Qual a matéria que mais lhe agrada trabalhar?

Otávio Henrique Martins Port - Direito Previdenciário, Administrativo e Tributário.

Ajuresp - Há algum caso interessante do qual o senhor tenha participado como juiz e queira relatar?

Otávio Henrique Martins Port - Gosto de casos em que a resolução da questão controvertida depende de reflexão e estudo. Lembro-me particularmente de dois casos, um bastante recente, que levei a julgamento na Turma Nacional de Uniformização, assegurando a pensão por morte previdenciária ao menor sob guarda, que foi excluído do rol de dependentes pela legislação, em caso de falecimento do guardião. Trata-se de uma

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini foi a primeira mulher a se tornar juíza na Justiça Federal de São Paulo, em 1976. Ela também foi a primeira mulher a ser diretora do Foro. Foi juíza por mais de treze anos e desembargadora por mais nove. Mãe de Ana Carolina, Ana Claudia e Jorge ela é casada com ex-ministro do Superior Tribunal de Justiça, que também foi desembargador na Terceira Região, Jorge Scartezzini.

Hoje, advogada atuante, ela conversou com a reportagem do Jornal da Ajufesp sobre a sua carreira e as impressões sobre a magistratura federal. Confira:



Ana Maria Scartezzini em foto dos anos setenta. Ao seu lado, o cunhado Cid Scartezzini e à esquerda o marido, Jorge Scartezzini, ambos atualmente ministros aposentados do STJ.

Ajufesp – Quando a senhora entrou na Justiça Federal?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Em 26 de fevereiro de 1976, foi o segundo concurso promovido em caráter nacional pela Justiça Federal.

Ajufesp – O seu marido, Jorge Scartezzini já estava na Justiça?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Já, ele fez o primeiro concurso e nós ainda não éramos casados, o que ocorreu quando éramos juízes.

Ajufesp – A senhora o conheceu na Justiça Federal?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Não, o conheci na Procuradoria da Prefeitura de São Paulo.

Ajufesp – Vamos falar um pouco sobre a sua carreira, porquê o Direito?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – O Direito foi uma solução eu diria alternativa, eu gostava muito de Filosofia e estava entre ela e o Direito, até por força da formação que tive no Dante Alighieri, no antigo clássico, que cursei à época, mas por uma solução mais prática, já que Filosofia implicaria em dar aulas, optei pelo Direito. A partir daí, fazendo estágios e trabalhando em escritórios, fui encontrando o caminho. Num primeiro momento, resolvi fazer um curso para reciclagem, mas ele, justamente, preparava para o concurso para a Procuradoria do Município;

fui aprovada. A tentativa para a magistratura federal foi sugestão do Jorge.

Ajufesp – E foi trabalhar onde?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Fui para a Quarta Vara Federal, como juíza substituta.

Ajufesp – O que a senhora encontrou na Justiça Federal em termos de acervo?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Era um volume grande de trabalho, acredito que não possa se comparar ao atual, porque a partir de um dado momento a população descobriu a Justiça Federal, isso se deu muito em função do reajuste dos benefícios previdenciários, dos planos econômicos, dos empréstimos compulsórios e do desbloqueio dos Cruzados no Plano Collor. Também ocorreram várias reformas processuais que passaram a obrigar a interposição de recursos e isso demanda um trabalho maior dos juízes. Lembro que na época dos empréstimos compulsórios sobre as passagens aéreas internacionais, eu estava na Diretoria do Foro e respondia, sem qualquer auxílio, pelo menos oficial, pelo expediente do plantão. Num curto espaço de tempo ingressaram mais de dois mil processos, então, tive que organizar uma “linha de produção” para dar conta deles.

Ajufesp – A senhora foi a primeira mulher a se torna juíza na Justiça Federal em São Paulo, isso causou surpresa ou gerou alguma pressão?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Acho que nessas situações sempre há certa resistência, mas não posso dizer que tenha sido muito expressiva. Houve um fato interessante, uma senhora era autora de um processo de usucapião que há muitos anos estava na Justiça e ela insistia em falar com o juiz, eu era substituída e o titular não estava, então atendi; expliquei o que estava acontecendo e ela saiu satisfeita. O diretor de secretaria perguntou a ela se estava tudo bem e ela disse: “tudo bem, a

mocinha é muito boazinha, mas eu ainda quero falar com o juiz”.

Ajufesp – Hoje há várias mulheres na Justiça Federal, as últimas três gestões do Tribunal Regional Federal da 3ª Região foram comandadas por mulheres, como a senhora vê isso?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – De forma muito positiva. Nesse aspecto a Justiça Federal teve uma participação muito expressiva, porque nunca houve restrição. O número menor de mulheres no início ocorreu até por conta da opção pela carreira, porque naquela época não havia subseções em várias cidades, os Fóruns eram restritos às capitais, com algumas exceções, e você ficava dependendo da classificação que poderia implicar até uma mudança para outro Estado, já que o concurso era nacional. Isso é mais difícil para a mulher.

“É preciso preservar o Poder Judiciário, porque ele é que mantém o equilíbrio entre os Poderes; e aquele que fala pelo Poder Judiciário é o juiz, por isso, a sua independência é fundamental. ”

Ajufesp – Quantos anos a senhora ficou na carreira de juíza?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Fiquei ao todo 22 anos, treze na primeira instância e nove no Tribunal.

Ajufesp – Nesse período todo houve algum caso que marcou a sua carreira?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Fundamentalmente dois, um que cuidou de uma execução do INSS contra os Diários Associados

Entrevista: ANA SCARTEZZINI

A primeira juíza federal
de São Paulo



e que por força das medidas constritivas, todos os bens da massa falida ficaram na Justiça Federal, então os trabalhadores culminaram por ter seus créditos trabalhistas satisfeitos na Justiça Federal; e isso foi muito gratificante; e o outro processo, que considero importante, foi um dos primeiros em matéria ambiental na Justiça Federal, em que era Procuradora da República a Doutora Cleide Cais. Ela moveu a ação para a preservação do Parque do Povo e a liminar que concedi preservou em um primeiro momento aquela área.

Ajufesp – Depois a senhora foi promovida para o Tribunal, onde o seu marido também era Desembargador, isso causava algum conflito?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Não, nós estávamos em Seções distintas e o impedimento surgia apenas no Plenário. O que efetivamente ocorreu, foi que quando ele assumiu a Corregedoria e sucessivamente a Vice-Presidência e depois a Presidência. Para evitar qualquer tipo de conflito na administração do tribunal, como na antiguidade eu seria imediatamente posterior a ele, se optou por assumir esses cargos o José Kallas e o Márcio Moraes. Na sequência, quando eu assumiria esses cargos, se eleita, surgiu a reforma da Previdência, com a possibilidade de aumento da idade para a aposentadoria; fiquei em dúvida, porque poderia ter um período na administração do tribunal, mas isso não me atraía, o que sempre gostei foi julgar, então, tomei a decisão e, sem muito pensar, resolvi me aposentar.

Ajufesp – Se arrependeu depois?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Não, fiquei com receio de que isso ocorresse, mas logo voltei a dar aulas e fui trabalhar em um escritório. Com isso, ocupei bastante o meu tempo, com muita disposição para enfrentar esses novos desafios, pois a advocacia é dinâmica, muda muito e é gente com que se adapta. Com o tempo, meus filhos foram se formando e

nós pudemos montar um escritório da família, que também conta com o meu marido, que se aposentou, depois, como Ministro do Superior Tribunal de Justiça.

“Graças a Deus me sinto realizada, mas sempre tento me aprimorar. Há muitos desafios; porém, minha maior preocupação é com a confiabilidade e a seriedade no trabalho.”

Ajufesp – A senhora voltou a dar aulas em que área?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Em Direito Administrativo, mas no último semestre tive que interromper em razão de várias viagens a Brasília, pois atuo também junto aos Tribunais Superiores.

Ajufesp – Qual a imagem que ficou do Tribunal, dos seus colegas e dos servidores?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Uma ótima lembrança. Formávamos um grupo que se respeitava muito, alguns eram mais próximos, mas sempre um convívio ameno de trabalho; em relação aos funcionários sempre tive um ótimo contato com eles e é sempre com muita alegria que os vejo.

Ajufesp – Qual a sua visão como advogada da Justiça Federal atual?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Um aspecto relevante da Justiça Federal foi a interiorização, obra do Ministro Lauro Leitão. A criação dos Juizados Especiais Federais a tornou ainda mais acessível para o jurisdicionado; outro aspecto é a informatização, que facilita muito a vida do advogado; é claro que sempre há o que se aprimorar.

Ajufesp – Uma reclamação de muitos juizes é que na atualidade há muitos órgãos de controle da magistratura. Na sua época era parecido?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Hoje, institucionalmente, há muito mais órgãos que controlam os juizes, mas, independentemente disso, o que deve ser preservado é a independência do juiz. Seu livre convencimento, a partir da leitura dos autos, é uma garantia do Estado de Direito. É preciso preservar o Poder Judiciário, porque ele é que mantém o equilíbrio entre os Poderes; e aquele que fala pelo Poder Judiciário é o juiz, por isso, a sua independência é fundamental. Evidentemente, excessos e equívocos ocorrem em todas as profissões, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) é um órgão relativamente novo e a sua atuação há de ser limitada até pelo próprio Supremo Tribunal Federal, então, ainda que estejamos vivendo uma transição, para que ocorra o devido controle, é preciso evitar excessos que comprometam a independência do magistrado. Há necessidade de controle como em outras atividades, mas, ao meu ver, o juiz é e sempre foi controlado; aqueles que exercem o maior controle são as próprias partes, que através dos meios cabíveis têm condições de verificar se há excessos.

Ajufesp – A senhora quer dizer algo para os juizes que estão começando na carreira?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Preocupar-se na preservação da independência, em atender os reclamos da parte, ter o bom senso de examinar a questão com cuidado, lembrando que isso vai refletir de alguma forma na vida de uma pessoa ou de uma empresa. Além disso, o contato com o advogado é muito importante, porque muitas dúvidas podem ser solucionadas nessa oportunidade. A valorização do Poder Judiciário é fundamental e disso não se pode abdicar.

Ajufesp – A senhora teve uma carreira como juíza e como advogada, ambas com sucesso, o que espera para o futuro?

Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini – Graças a Deus me sinto realizada, mas sempre tento me aprimorar. Há muitos desafios; porém, minha maior preocupação é com a confiabilidade e a seriedade no trabalho.



ROBERTO HADDAD



ANDRÉ NABARRETE



SUZANA CAMARGO

ELEITOS OS NOVOS DIRIGENTES DO TRF DA 3ª REGIÃO

FORAM ELEITOS OS DESEMBARGADORES FEDERAIS ROBERTO HADDAD (PRESIDENTE), ANDRÉ NABARRETE (VICE-PRESIDENTE) E SUZANA CAMARGO (CORREGEDORA-REGIONAL)

Em sessão plenária, realizada no dia 16 de dezembro de 2009, foram eleitos os novos dirigentes do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, que engloba São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Roberto Haddad foi eleito presidente, com 20 votos contra 17 do segundo colocado, Suzana de Camargo. Em terceiro lugar ficou André Nabarrete, com um voto.

Como Suzana de Camargo já havia ocupado a vice-presidência anteriormente, André Nabarrete foi eleito vice-presidente e a desembargadora corregedora-regional.

Após a votação, Roberto Haddad se disse surpreso com a eleição. "Fui pego de surpresa. Tinha a pretensão de ser corregedor", afirmou após a votação, e acrescentou: "A minha vitória foi um triunfo da Justiça, da Democracia". Questionado sobre os planos para a condução da presidência, disse que não fez planos. "Acabei de ser eleito. Vou conversar com os colegas para decidir."

A posse está marcada para o dia 19 de fevereiro de 2010.

A Ajufesp deseja sorte aos novos dirigentes e espera uma administração positiva, democrática e aberta para os juizes, servidores e jurisdicionados.

AJUFESP EMITE NOTA PÚBLICA SOBRE A COMPOSIÇÃO DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

No final de 2009, a AJUFESP emitiu nota em apoio à posição da ministra

Recentemente, a ministra Eliana Calmon, destacada integrante do E. Superior Tribunal de Justiça (STJ), a quem a AJUFESP - Associação dos Juizes Federais de São Paulo e Mato Grosso do Sul - rende sua solidariedade, manifestou publicamente grande preocupação com o desequilíbrio que a atual forma de preenchimento dos cargos daquela Corte tem provocado relativamente às vagas destinadas à magistratura de carreira.

Como se sabe, a Constituição Federal determina, no artigo 104, inciso II, que um terço das vagas do STJ seja preenchido pelo acesso direto de advogados e de membros do Ministério Público. Estes

não podem, portanto, ocupar as vagas previstas no inciso I, destinadas a juizes dos Tribunais Regionais Federais e desembargadores dos Tribunais de Justiça, pois estas devem ser preenchidas exclusivamente por magistrados de carreira, ou seja, juizes que ingressaram na magistratura em primeira instância e através de concurso público, o que lhes permite acumular anos de experiência e de aperfeiçoamento na árdua tarefa judicante.

Se as vagas destinadas à magistratura de carreira continuarem a ser ocupadas majoritariamente por magistrados oriundos dos quintos constitucionais de tribunais estaduais e regionais federais, haverá sério

comprometimento do equilíbrio pretendido pelo constituinte quando da elaboração da atual Constituição da República.

A AJUFESP torna publico, portanto, seu apoio à iniciativa da AMB - Associação dos Magistrados Brasileiros - AMB, que questiona no Supremo Tribunal Federal, por meio da ADI nº 4.078, o artigo 1º, inciso I, da Lei 7.746/89 "para o fim de limitar o acesso às vagas do STJ a serem preenchidas por juiz ou desembargador aos magistrados de carreira".

São Paulo, 14 de dezembro de 2009.
Ricardo de Castro Nascimento
Presidente



ELIANA CALMON

CNJ TRANCA PROCEDIMENTO ADMINISTRATIVO DO TRF3 CONTRA ALI MAZLOUM

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por maioria, decidiu no dia dezesseis de dezembro de 2009, suspender definitivamente o procedimento administrativo disciplinar 2005.03.00.019871-3 instaurado pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região, de São Paulo, contra o juiz federal Ali Mazloum. Durante a 96ª sessão, o plenário do CNJ julgou procedente o pedido do juiz para o arquivamento da apuração no TRF3. Venceu o argumento, apresentado inicialmente pelo conselheiro Ives Gandra, de que não havia gravidade

no ato praticado por Mazloum que justificasse a apuração do tribunal.

O juiz Ali Mazloum respondia ao processo disciplinar por ter despachado, em 13 de setembro de 2002, habeas corpus (HC) depois das 19h (fora do horário normal de funcionamento de sua Vara). O HC adia o julgamento de um médico pelo Conselho Regional de Medicina que ocorreria às 8h30 do dia 14 de setembro de 2002. Por causa da concessão do habeas corpus, o TRF3 instaurou procedimento disciplinar por violação

de competência, propondo que o magistrado fosse condenado à pena de remoção compulsória (independentemente de sua vontade). Em sua defesa, o juiz Ali Mazloum argumentou ao CNJ que a punição feria a Lei Orgânica da Magistratura e a Resolução nº 30 do CNJ, que traz regras sobre os procedimentos administrativos disciplinares aplicáveis aos magistrados. Em junho deste ano, o plenário do CNJ já havia concedido liminar suspendendotemporariamente a investigação no TRF atendendo o pedido do juiz Mazloum.

NOS TEMPOS DA LAMPARINA

Trigo da minha infância a lembrança de uma lamparina sobre a mesa de jantar. Não havia energia elétrica em casa e quando caía à noite, para atenuar o breu, a lamparina era acesa. Naquele tempo os inesperados inimigos eram as almas penadas, as assombrações e as mulas sem-cabeças. Não sei do que eu tinha mais medo.

A lamparina apagava cedo, pois precisava economizar querosene. Para dissipar o medo, arrumei logo um jeito de aprender algumas rezas. Ave Maria, Santa Maria e Pai-Nosso foram as primeiras, antes mesmo de entrar no catecismo.

Na casa em que eu morava era de uma dimensão transcendental, talvez, porque a luz da lamparina projetava para uma moldura escura e encardida de um quadro de fotografia da família pregado na parede, que mal dava para ver o semblante de meu avô, que já tinha morrido.

Foi somente no final da década de

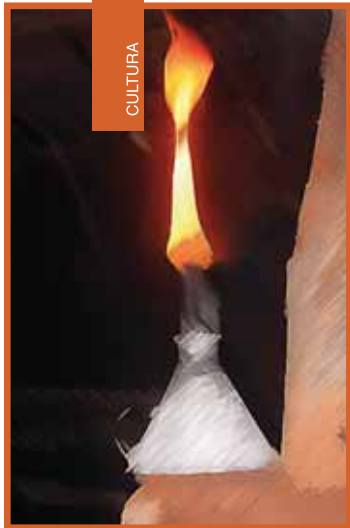
sessenta que novos inimigos voltaram a fazer parte de minha infância. Agora, eram os “comunistas ou terroristas”, não sei bem o quê. Só sei que eram uns caras barbudos, que metiam medo na gente. Falavam que eles comiam crianças. Portanto, todo cuidado era pouco. No armazém de minha prima estavam afixados nas paredes vários cartazes com suas fotografias e dizeres: “Procura-se: vivo ou morto”. Ofereciam até recompensas a quem dessem notícias do paradeiro deles. Mas, eles nunca apareceram por lá, e na minha casa, quando a lamparina apagava, às vezes acordava de sobressalto, assustado, com alguns acontecimentos misteriosos, relacionados às almas penadas, que me obrigava a recorrer às rezas. Dizem por aquelas bandas, não sei se é crença popular, que só com a chegada da energia elé-

trica foi que desapareceram essas almas penadas.

Na verdade, parafraseando Proust, cada um vive em busca do seu tempo perdido e vão procurar todas as coisas que um dia fizeram parte do mundo de sua infância; até para poder compreender que as almas penadas, as assombrações e as mulas sem-cabeças nunca existiram e que, também, os amaldiçoados comunistas não comiam crianças.

Entretanto, por acreditar, e ter medo de tudo isso, para me garantir, foi que aprendi a rezar.

CULTURA



**A conveniência
do Itaú é
como o futebol
neste país:
está em
todo lugar.**

Nas agências, nos caixas
eletrônicos, no telefone,
na internet e no celular.



**feito
para
você**

